

A Fraternidade

DEFENSOR DOS CAIXEIROS PORTUGUEZES

Trimensario independente

DIRECTOR,
JOAO DE SOUSA *SECRETARIO DA REDACÇÃO,
FRANCISCO GUIMARAES *ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)

Série de 18 n.ºs isentos de cobrança
postal 500 rs.
Brasil (moeda forte), série de 18 n.ºs 1\$200REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.ºOfficina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão
EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

Annuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade, nem se restituem
os authographos, quer ou não
sejam publicados.

Leis de protecção à classe caixeiral

No nosso artigo «O trafico humano» evidenciamos a necessidade immediata de pôr cobro ao humilhante estado social e misera situação pecuniaria em que actualmente nos achamos. Certamente não encontraram ecco nos nossos collegas de imprensa as ponderações sensatas que alli notamos, nem as impressões reaes que colhemos depois de algumas horas de amargo meditar. Embora! O caminho não nos mette medo e não será o isolamento em que nos vemos, que nos fará recuar. O mal não existe só no nosso espirito, nem preocupa só a nossa imaginação: fere, de facto, os nossos interesses monetarios, põe, constantemente, em cheque a collocação de muitos collegas, e se se nos queixam com fundamento da razão. Mas, a pouco e pouco, os *marechaes* que só pensam no descanso hebdomadario hão-de vencer-se que as nossas palavras não são ditadas por uma impertinente monomania, nem que os nossos receios foram suggeridos por um sonho mau.

O futuro nos dará razão, estamos certos d'isso.

As collectividades de caixeiros, que frequentemente realisam saraus dramaticos, musicaes, dansantes ou litterarios e onde, sem contestação nenhuma, se gastam algumas dezenas de mil réis, não prejudicavam o seu valor social alternando esses saraus com conferencias elucidativas do assumpto a que nos vimos referindo. Expondo esse thema a qualquer conferente illustrado, dos muitos que teem honrado as nossas associações com a sua annuência a desempenhar o papel de catechizadores modernos, não era assás difficil embutir no espirito de

muita gente que o commercio não é um poço sem fim, onde todos cabem, onde todos teem logar para viverem regaladamente. E' superfluo dizer que nos dois centros principaes do paiz os caixeiros desempregados abundam á procura de uma vaga em *qualquer* estabelecimento, como um enxame de abelhas em roda de um cortiço. D'esta situação resultam consequencias tão prejudicaes para o nosso brio colectivo e social, que vamos perdendo, dia a dia, o bom nome que até aqui gosavamos. Casos de *chantage*, de furtos, de abusos de confiança são tão constantes, que todos os dias os lêmos no noticiario dos jornaes.

Ninguém desconhece que são muitas vezes as precarias circumstancias monetarias, que dão origem a estas faltas. Realmente, um caixeiro que anda desempregado muitos mezes consecutivos, sem outro modo de vida do que aquelle que adoptou, recorre, em ultimo logar, alucinado, ao furto declarado ou á *chantage* com engenho, que lhe proporcione alguns vintens para se poder alimentar. A causa que sustenta este mal é, como se observa, a abundancia de caixeiros e marcanos engravatados, a enormidade de individuos quasi inuteis da vida social, que concorrem ao mesmo emprego.

D'esta fórma, n'esta situação anormal que a todos nós affecta, ninguém pôde dizer que está definitivamente collocado. Um empenho, um pedido formulado por um cacique de valor politico inutilisa, em poucos minutos, a carreira espinhosa de qual-de nós.

Não sustentamos o paradoxo ou o absurdo de regularisar este mau estado de cousas por uma lei. Nada d'isso. A liberdade de commercio é de todo ampla, ninguém pôde tutellar quem nos prejudica para beneficiar

outros nossos collegas. As leis podemos nós fazel-as como nossa energia, com boa vontade, com a convicção de quem trabalha para o bem geral. A nossa imprensa e as nossas collectividades valem muito quando bem orientadas.

Desculpem-nos aquelles que nos lêem, as rudezas das nossas palavras: boa orientação nas causas que mais nos interessam nunca houve, —nunca se pensou em a estabelecer. E' esse o nosso mal mais evidente, mais sensível, de peiores effeitos.

Attendam, senhores *marechaes*, ás nossas palavras: agora que está prestes a realisar-se a nossa aspiração mais suprema,—que tantos annos de esforços custou, que tantas energias extinguiu—lancem os olhos para os factos que apontamos e vamos, collectivamente, tentar exterminal-os ou reduzil-os ás suas esferas de acção mais minima, ás suas mais insignificantes consequencias.

!!! 121 !!!

Cento e vinte e um, é o numero dos recibos divolidos que o administrador d'este trimensario recebeu e que a redacção offereceu como brinde ao primeiro arrematante do lixo!!

E' lamentavel que um caixeiro deixe de pagar a insignificante quantia de 500 réis, importancia da assignatura d'um jornal, órgão de defeza dos interesses da classe em geral.

Podemos informar e bem alto sem, medo de contradita, que todo o empregado commercial que não effectua o pagamento d'um recibo do jornal que defende os seus direitos — é um traidor á classe.

Um jornal como é a «Fraternidade», que tem cumprido o seu dever, o seu programma, que tem melhorado consideravelmente, não deve ser aniquilado!

Terá commettido alguma infidelidade? Terá mas se a commetteu foi para satisfazer pedidos e paixões mesquinhas, que nos ditam e acalentam, criam e robustecem.

Quando, ao cabo de dois annos de lidar constante, de aturado caminhar desassombradamente pelo futuro dentro e continuando na arena da imprensa, pugnando por os interesses d'uma classe que, na sua maior parte, não tem correspondido com o seu auxilio para a sua manutenção, custa a crer que a nossa classe tenha ainda quem a despreza e mais ainda quem a condemne. Ha d'estes abortos, barbaros inteiros que, sentindo-se impotentes para aniquilar a materia trabalham e luctam para apagar as luminosas aspirações dos espiritos! E' a luta do mal contra o bem!

Mas não. Debalde tentarão os espiritos entenebrecidos destruir os louvaveis esforços que estão fazendo as collectividades civilisadoras, no sentido de propagar e diffundir a nossa classe.

Collegas—deixem esse caminho errado que estão trilhando e ajudem-nos a proseguir na encetada tarefa que, ha dois annos, tomamos sobre os nossos hombros, que os nossos triumphos não serão só nossos, antes n'elles terão partilha quantos coadjuvarem o nosso intuito e nos dispensarem o concurso das suas assignaturas (pagando-as) que são o alimento indispensavel para a vida d'um jornal.

«A Fraternidade» diligenciará corresponder como até hoje creio ter feito, á confiança e á obsequiosidade dos presados subscriptores, não se poupando ás fadigas nem aos esforços, nem mesmo avultadas despesas como é bem sabido por todos.

Que felicidade, que inegualavel e appetecida felicidade não seria para todos, se alguns collegas, ao doce impulso da civilização se abrissem, bebendo um hausto restaurador da instrucção de que carecem para destruir as particulas de sangue barbaro que ainda gira nas nossas veias!

Honra seja dada aos iniciadores dos órgãos da nossa classe, que teem o incontestavel direito de paternidade para com os progressos que a nossa classe tomo de hoje para futuro.

Honra seja dada igualmente aquelles que evidarem todos os esforços para que a lei do descanso dominical seja decretada.

Honra seja dada aquelles que se interessam por a nossa sympathica causa.

Almendra.

Olá, meu caro Lopes! Que tal está o trio, hoje?

—Está levado do diabo!

—E tua mulher?

—Pouco mais ou menos, a mesma cousa!

A festa dos operarios

De harmonia com a nossa noticia do numero passado, realizou-se no penultimo domingo, 21, a festa inaugural da Associação de Classe das Quatro Artes de Construção Civil.

De manhã, ainda cedo, houve alvorada pela banda dos Bombeiros Voluntarios, queimando-se salvas de tiros.

A's 10 horas e no templo da Ordem Terceira, rezou-se uma missa por alma dos socios fallecidos, tocando durante o acto a referida banda de musica.

A Associação achava-se muito bem ornamentada, destacando-se bem as ferramentas das Quatro Classes de Construção Civil que, em fórma de escudo, foram collocadas na parede do lado fronteiro à mesa da presidencia. Por detrás d'esta a bonita bandeira da Associação, estendida, dava à sala um tom alegre.

Ao lado esquerdo da mesa presidencial, estavam os representantes da imprensa local, das associações e os oradores; e toda a sala se achava repleta de socios e convidados.

Nos baixos do edificio da Associação, a banda dos Bombeiros executava o hymno do 1.º de Maio, nos intervallos dos discursos e, no fim da sessão solenne, executou mimosas peças do seu grande e bem escolhido repertorio.

A's 7 e meia horas da tarde, já tudo estava preparado para

A sessão solenne:

Preside o presidente da direcção da Associação, sr. Manoel Martins de Azevedo, servindo de secretarios os srs. Adelino A. de Miranda e Manoel da Graça Corrêa, respectivamente, secretario e vice-presidente da direcção.

O sr. Presidente lê o seu discurso, baseado no movimento social-operario, em que analisa o dever dos socios, a utilidade da Associação e a situação dos constructores civis, que precisam de unir-se para luctarem.

Termina por dirigir incitamentos aos seus companheiros de trabalho e declara aberta a sessão.

O 1.º secretario lê o expediente:

Carta do sr. Diamantino Leite, agradecendo o convite para falar n'aquella sessão e declarando não poder satisfazer os desejos dos seus camaradas de Barcellos por motivos que expoz.

Officio de A Edificadora, da Povia de Varzim, agradecendo o convite e nomeando seu representante o nosso presado collega da Folha da Manhã, sr. Albino Leite, que se acha presente; e diversos outros officios e cartas de adhesão àquella sympathica festa.

E' n'esta altura dada a palavra ao nosso amigo sr. João de Sousa:

Tem dois deveres de cortezia a cumprir:—o primeiro, é saudar a Associação em festa; e o segundo é saudar o estandarte da Associação, que para si é o symbolo da Paz, do Amor e da Fraternidade do povo trabalhador e que em suas pugnas agasalha, não só as esperanças de muitos opprimidos, mas tambem

a Justiça da causa sympathica do operariado inteiro.

Falla do movimento de 3 de maio p. p. e diz que elle poderia ser uma victoria para a Associação, se não fosse a pouca disciplina e a pouca união dos interessados.

Incita os operarios a unirem-se e educarem-se, alli na Associação, para que elles com segurança de exito possam voltar a reclamar a diminuição das horas de trabalho. Termina, agradecendo o convite e fazendo votos pelas prosperidades da Associação.

Segue-se o sr. José de Queiroz:

Lê um bello discurso, em que faz referencias à Arte, à União e à Força das massas Trabalhadoras, incitando estas a cami-

nharem com orientação e criterio, para que dos seus esforços resultem beneficios para o povo opprimido.

Felicita a digna direcção pelos seus esforços, os socios pela sua dedicação à Associação e deseja que aquella festa seja um incentivo para o proseguimento dos trabalhos iniciados.

Muitas palmas.

O sr. José Terroso:

Felicita a Associação por aquella festa, a direcção e, em especial, o sr. Adelino Miranda, pelos seus esforços e pela sua dedicação àquella collectividade, incitando-os a que prosigam no caminho encetado.

O sr. Albino Leite:

Como redactor da Folha da

LITTERATURA ESCOLHIDA

INDECISÃO

De Arnaldo Braz.

A's vezes fito o Céu n'uma pergunta,
N'um desolado olhar de indecisão,
Cheio do pranto que a amargura junta,
Cheio do amor que traz o coração.

Fito-o, sem que responda á desventura
Que assim m'opprime e traz anciadamente
Em busca do destino que fulgura
Na incerta visão da minha mente!

Em sonhos de videncia angustiados,
Em sonhos acordados que torturam,
Clamo por ti, oh! Deus d'amargurados,
Para valer-me em febres que se apuram.

Ergo p'ra ti meu brado commóvido,
N'um desejo de luz que m'esclareça
Sombrio duvidar tão dolorido
Que não tem nova aurora que alvoreça!

Pelo nome da Patria estremecida,
No cruel aprestar de guerra crua,
Vejo invocar em phrase enternecida
Gloriosa protecção de sombra tua!

Rendidos a teus pés, eu vejo crenes
Pedindo ao mesmo Deus mesma victoria!
Pedem-te o exterminio — loucas gentes —
A ti, Deus de bondade, summa gloria!

Como se nós não fossemos iguaes
Ante a fraternidade humanitaria!
Muitas razões de fé, razões banaes,
Objectivos de paz e crença varia.

Diferenças de raça a contrapor,
Luz, Civilisação a commungar!
Como se não houvesse igual amor
A's tradições d'um povo a respeitar!

Vejo a força a vencer — triste conceito!
O mais forte esmaga sem piedade
O brando que levanta honroso peito
Salvando heroicamente a dignidade.

Pois, ser justo meu Deus! nos é vedado?
Branca flôr de Justiça, onde nasceste,
Onde o gentil perfume venerado?

A' maldade dos homens tu morreste?

E ás vezes fito o Céu n'uma pergunta,
N'um desolado olhar de indecisão,
Cheio do pranto que a amargura junta,
Cheio do amor que traz o coração!...

Manhã e como representante de A Edificadora, da Povia de Varzim, está alli. No meio dos operarios, considera-se operario tambem. E para concluir este seu modo de pensar, diz que, para ser operario, alli, lhe basta ser representante de uma Associação de Operarios. E', pois, como operario, que vae fallar, não fazer um discurso, mas simplesmente dizer das suas impressões e do que se lhe afigura preciso fazer-se para a educação dos operarios.

Diz que a fundação de uma associação de artistas de Barcellos, mostra bem o avanço e adiantamento em que vae a classe operaria de Barcellos. Regosija-se com este facto e diz que o operario deve procurar na Associação a instrução artistica, de que tanto precisa.

E' sobre este assumpto, o sr. Albino Leite faz justissimas considerações, concluindo por incitar os operarios ao estudo.

Foi muito applaudido.

Os srs. Adelino Miranda, Albino Leite e José Monteiro Torres, este fiscal das Obras Publicas, conversam em voz alta sobre a fórma das construcções de predios, do modo como se cumprem as plantas e dos males de que ainda enferma muito a classe dos mestres d'obras, que é da fórma como elles derrotam o preço da construcção de um predio, de modo a permitir que —nem a planta é cumprida, nem o predio fica construido com a precisa solidez, porque os mestres, pelo preço baixo a que levam a empreitada, são obrigados a empregarem na obra materias de baixo preço!

O sr. presidente, encerrando a sessão, agradece a concorrência dos socios e o concurso que aquella festa prestaram os oradores e dirige novos appellos à classe operaria para que nunca abandone a Associação.

Encerrada a sessão, queimou-se bastante fogo e a banda dos Voluntarios executou diversas peças.

Por nossa parte, agradecemos o convite que nos foi dirigido e felicitamos a sympathica Associação pela sua festa inaugural.

Ruidos do Lima

Um bando de caloteiros—Telegrammas

Tenho na minha frente, sobre a mesa que me serve de secretária, o numero 41 de 20 do corrente da Fraternidade.

Depois de minuciosamente o admirar desde a primeira linha á ultima, volto de novo a repassar o que mais interessa saber, porque encerra em si, n'uma complexão de boa prosa, o que são os grrrandes bemfeitores da classe!

E' elle o seu artigo do fundo.

Diz-nos em primeiro logar o que é a classe, e cita depois o que são dois annos de vida jornalística, os revezes por que tem passado, os espinhos que ella tem, os sacrificios, as canceiras, os esforços e do que são victimas ao atravessar o seu segundo anniversario.

Mas no meio d'esta aprecia-vel prosa, ha um periodo a que devemos dar o som natural,

destacal-o d'entre todos, fazê-lo sobressahir de modo que por todos seja visto, e, não o perdermos nunca de memoria.

Devemos cital-o milhares de vezes, apresental-o á classe em letras garrafaes!

Eil-o:—Qual é a compensação no final de dois annos?

A inutilidade do nosso trabalho mental, a desnecessidade de dispendir dinheiro que nos custou muitas bagas de suor, e ver agora, na mesa desmantelada que temos na nossa frente, *cento e vinte e um recibos devolvidos* que representam a elevada quantia de *sessenta mil e quinhentos reis*!!

Oh! espiritos loucos, vendilhões do templo, corações gafados, que até o proprio sangue quereis sugar de vossos confrades, de vossos companheiros, de vossos irmãos!...

Não posso tolerar tão grande ignominial.

Oh! hebetismo, ignorancia, hypocrisia e avareza, que tanto abundaes no nosso meio!

Não comprehendéis, oh! caloteiros, que estaes praticando um roubo, mas um roubo enorme!

Conhecéis os sacrificios d'estes infatigaveis luctadores, que estão esbanjando a sua bolsa para vos melhorar a situação, e, não se vos rubificam as faces ao praticardes um roubo tão escandaloso?

Não comprehendéis o quanto é preciso para sustentar a vida a um baluarte que tão nobre e denodadamente vem advogando a nossa causa, os nossos interesses e as nossas regalias?

Comprehendéis sim, porque só o não comprehende um alienado, um doido ou em estouvado; e, se é que procuraes mostrar o contrario, *Rilhafolles* convôscos!

Centos e vinte e um recibos devolvidos, são cento e um assignantes de que não precisa a *Fraternidade*, cento e vinte e um assignantes completamente inuteis a este jornal. Se é que tendes caracter, brio e dignidade mandae pagar os recibos que devolveistes, não sejaes cobardes, avaros e cahinhos.

A *Fraternidade* no meu entender não tem recursos sufficientes para que possa deitar ao limbo *sessenta mil e quinhentos reis*.

Eu, como um dos seus mais humildes collaboradores d'este jornal, reclamo da redacção uma secção em que n'ella se exponha ao publico e á classe em principal, os nomes d'esses que roubam tão descarada e escandalosamente, d'esses intimes caloteiros que não pagam a insignificante quantia de quinhentos reis, preventientes da assignatura d'um jornal que elles recebem, e que tem por norma defender-lhes os seus direitos!

Ponham-se a descoberto esses rostos de marmore, eises banazolias, esses bisborrias, essa matilha de caloteiros!...

Centos e vinte e um assignantes que não pagam, representam um bando de caloteiros, uma numerosa quadrilha de ladrões!

TELEGRAMMAS

Ao sr. Dr. Gaspar d'Abreu Lima illustre deputado, enviaram no dia 24 do corrente os empregados no commercio d'essavilla o seguinte telegramma:

«Ex.^{mo} Dr. Gaspar d'Abreu Lima, secretario commissão legislação civil.—Lisboa. —Nós, caixeiros Ponte do Lima muito respeitosa e nos dirigimos a V. Ex.^a como illustre filho d'esta terra solicitando seu valiosissimo auxilio e parecer favoravel e urgente ao projecto de lei do descanso addicto á apreciação da commissão de que V. Ex.^a é secretario.—Magalhães Junior —Antonio Barros—Antonio Sousa—Antonio Lima—José Corrêa—Adelino Corrêa—Balthazar Fernandes—João Coutinho—Domingos Amorim—José Pereira—Manoel Dantas—Antonio Cunha».

—Em resposta recebemos o seguinte, expedido de côrtes no dia 26 as 4 horas e 40 minutos da tarde:

«Commissão Empregados no Commercio.—Ponte do Lima—Agradeço telegramma, proposta entrará brevemente discussão parlamentar.—Gaspar Abreu».

Continuaremos sempre na lucta até que vejamos ratar o dia da *Liberdade*!

Ponte do Lima 28—10—906.

Magalhães Junior

Descanso semanal

—Collégas!

O descanso semanal acha-se em via de ser decretado obrigatoriamente por lei.

O ex.^{mo} sr. dr. Carlos Lopes, protector apaixonado das classes trabalhadoras, acaba de nos prestar um valiosissimo serviço, o qual foi de apresentar no parlamento um projecto de lei, que torne o descanso semanal obrigatorio. Desde 1879 hae as classes commerciaes de Lisboa e Porto, animadas pelas suas congeneres de outras localidades tem envidado todas as suas forças para conseguirem o almejado descanso. Já em tempos se falou nas camaras sobre este assumpto; supponho até que foi apresentado um projecto para o mesmo fim, mas devido á incuria dos nossos ministros, que só tratam dos seus interesses politicos, deixaram no olvido esta medida, que vinha por ventura melhorar as condições actuaes das classes trabalhadoras. O sr. João Franco está no poder, e, como tem dado provas e prometido bem governar o paiz, é provavel que a nossa justa causa triumphará. Temos, pois, ao nosso lado dois fulgurantes homens da tribuna portugueza! O sr. João Franco prometeu todo o seu valiosissimo auxilio, para que a causa dos caixeiros e mais classes trabalhadoras seja um facto. Esperança, pois, collégas! Os caixeiros e marcanos terão depois um dia para descansarem, refazendo-se das fadigas da semana.

Graças a Deus, que os nossos homens politicos de hoje vão comprehendendo que as classes trabalhadoras, que labutam toda a semana, quantas vezes em armazens e officinas onde o ar e a luz a custo penetram, devem ter um dia de descanso; e este dia devia ser ao domingo, porque satisfaz melhor que nenhum outro, ao ponto de vista religioso, physico e moral. Segundo dizem os eminentes sabios, o

descanso é tão preciso ao homem como o sustento. Só quem não tem raciocinio é que assim o não comprehenderá. Com a lei obligatoria os patrões já não poderão obrigar os empregados a trabalhar aos dias de descanso, para incorrerem nas suas penas!... Ha ainda, para maior vergonha nossa, patrões que desancam os marcanos á menor falta na pratica de seu mister, não se lembrando que os seus principios foram os d'elles. Isto é altamente revoltante! Collegas caixeiros e marcanos! Não tardará a raiar o dia em que a nossa aspiração seja um facto consumnado! Nós seremos arrancados d'essas lobregas prisões, e os patrões ficarão sabendo que o tempo do escravo já findou. O dia em que fór decretada a lei do descanso obligatorio será para nós um grande acontecimento, a nossa maior alegria.

Nesse dia devemos collocar desfreada na mais alta serra a nossa bandeira para que os inimigos do nosso Ideal a vejam cheia de magestade e victoria.

Nós depois, cheios de entusiasmo, com a alegria e trasbordar no nosso coração, devemos bradar com toda a força dos nossos pulmões: **Viva o descanso obligatorio!**

Abaixo os retrógrados!

Porto, 20 de outubro de 1906.

Alypio Bernardo Cardoso.

N. da R.—Pede-nos o auctor do artigo acima, para o publicarmos novamente, em vista de no numero passado elle ter sahido com gralhas. Fazemos-lhe a vontade.

Factos e ideias

Optimo brinde!

A *Fraternidade*, com o numero passado, entrou no 3.^o anno de existencia; e por espirito de rotina, consagrou o seu habitual artigo do fundo áquelle acontecimento. Mas que de verdades alli se dizem! Que de verdades tão amargas o distincto articulista escreveu! Isto de jornaes de classe, está verdadeiramente uma miseria.

A *Fraternidade*, tendo á sua frente e a impulsional-a pessoas de uma extraordinaria dedicação pela causa dos caixeiros, tem dado á essas pessoas desgostos que forem e desalentos capazes de se mandar tudo isto á *tabua*! Cada semestre que passa é um desalento e um desgosto que cae sobre esses amigos que tanto se tem interessado pela classe e que tanto desejo tem de ver-a prosperar. E o editorial do numero passado mostra bem esse desalento e as maguas dos que, ao fim d'esse trabalho persistente, que a elles se tem imposto como obrigação, vêm o seu trabalho cair nas ondas da inutilidade!

Centos e vinte e um recibos vieram devolvidos da ultima cobrança a que se procedeu!

São esses 121 recibos que o illustre articulista offerece, como brinde de anniversario, ao primeiro arrebatante de lixo que passasse pela nossa rua!

Optimo brinde!

Se a classe tiver pensado sobre aquelle artigo e analysar, n'u-

ma passagem de vista, os sacrificios que se consomem para manter um jornal de classe, por certo ha-de sentir a vergonha ferir-lhe o rosto: porque, calotear quem trabalha por dedicação e não por interesses proprios, é romper perante esses trabalhadores a mascara da hypocrisia!

Jota.

¿Eheeee?

«Pués es el timo de moda, el timo de moda tomo, que aunque pesa mas que el plomo y por lo saudio incomoda, ya que por la gente toda usado oy dia se ve, en mis versos lo usaré, pues con el creo y confio que al lector no daré hastio, ¿Eheeee?»

Mamá, que eu sou de conquista, luce su hija y la pasea, más que para que ella vea, para que logre ser vista, si no pagó á la modista el traje, que hanzuelo cree, y ésta en paseo la ve y le arma en él el gran lío, creo que no tendra frío, ¿Eheeee?»

Pollo de figura enjuta, que de tontexia lleno busca del cercado ajeno la dulce sabrosa fruta, si el sueño que de el disfruta rondar su guerto le vé, y con la mano ó el pie, le causa algun desavio, creo que no tendra frío, ¿Eheeee?»

Criada que es, segun fama, entre todas la mejor, por lo bien que á su señor assiste cuando está en cama: si llega un dia en que su ama que está robándola ve, y furiosa le da un pie de paliza con gran brio, creo que no tendra frío, ¿Eheeee?»

(Continuará)

La Guardia, 15—8—906

Isaac de Montenegro.

Ao commercio local

Encontra-se ha dias n'esta villa um vendedor ambulante, com um largo sortido de lanificio.

Sendo nosso dever pugnar pelos interesses de todo o commercio, lembramos aos dignos negociantes que constituem os corpos gerentes da Associação Commercial, a conveniencia de por qualquer meio, impedir o ingresso na nossa terra a estes intrusos aventureiros, que mais vêem dificultar o viver normal dos commerciantes menos abastados da localidade.

Ninguém pôde prohibir a liberdade de commerciar, bem o sabemos, mas não comprehendemos, então, o motivo porque, collectando-se com uma pesada contribuição o commerciante estavel, se admte a existencia do negociante cosmopolita, no geral sem escrupulos, que, negociando em toda a parte, em nenhuma paga o mais minimo imposto ao Estado.

Em um meio pequeno como o nosso, a permanencia, ainda mesmo de poucos dias, d'estes aventureiros engravatados, prejudica sensivelmente todo o commerciante. Não seria, pois, infructifero que a digna Associação Commercial olhasse para este facto e tentasse, por qualquer processo, obstar a continuacão d'esta vergonhosa maneira de negociar de porta em porta, com manifesto prejuizo do commercio local,

Correspondencias

Setubal.

Terminaram no domingo ultimo as festas commemorativas da fundação da florescente Sociedade Recreativa Capricho Setubalense, que este anno, sem que exaggeremos foram muito superiores aos annos anteriores; ao olharmos attentamente á commissão que promoveu as festas, e jámais fazendo parte principal d'ella os meus amigos, Armando da Silva Maia e Francisco Moura, dois rapazes que teem o mais ardente amor pela Sociedade, que teem trabalhado, e trabalham pelo engrandecimento d'ella; aqui lhes deixamos patenteada a fórma com que foi recebido, e os meus sinceros parabens pela maneira como correram todos os numeros da festa.

Vou passar a descrever ainda que uma pallida idéia do que foram as festas.

A Kermesse foi muito concorrida em todas as noites; venderam prendas diversas damas, e fazendo parte do bazar alguns membros da commissão.

Os saraus foram bastante animados, dançando-se até ás 2 horas da manhã. Os grupos agradaram muito, principalmente o Rossini, que tem um vasto repertorio e que nos deliciaram com algumas peças que bastante nos agradaram.

A parte dramatica foi um pouco caricata por parte d'alguns amadores que não gostamos, não pelo desempenho mas sim pela escolha dos monologos que não agradaram muito, tornando-se por vezes algo massadores; mas gostamos do grupo Almeida Garrett, no desempenho da comedia «Os medrosos», que estava sufficientemente ensaiada, e os interpretes, para amadores muito regulares. A ultima noite, isto quer dizer no dia 21, a sala que é muito vasta estava repleta de damas e cavalheiros todos desejosos de ouvir a parte dramatica, pois que n'essa noite foram bastantes amadores, e já bem conhecidos do publico setubalense.

Satisfiz-nos os amadores, principiando o sr. Severino Prompto, que é um bom actor, Aldegalleja, Caetano Alberto, Arthur Tavares, e outros que andaram magnificamente em todos os monologos e cançonetas, salientando-se Prompto no «Feijão reijó», que admiramos como se pôde falar tanto em tão pouco tempo; Aldegalleja na cançoneira «Pouca Vista» que agradou bastante, sustentando a digna assembleia em constante hilariedade.

No final da noite houve uma engraçada comedia «Os viuvos» que foi bem desempenhada, terminando assim uma tão sympathica festa que a todos deixa indeleveis saudades; e um bravo á briosa commissão que tão bem se soube desempenhar do compromisso que sobre si tomaram.

«Correio de Borla»

A. V. da E. (Lagos).

Quero-te escrever mas não sei a tua direcção, a nota que me tinhas mandado, extraviou-se; escreve-me o mais breve

possivel, quero-te responder ás perguntas que me fizestes, sempre teu amigo.

J. L. Cavaco.

Aldegalleja, 26.

Vamos ao cabo de algumas semanas, secundar as nossas correspondencias de Aldegalleja, para a «A Fraternidade», missão esta bem espinhosa, para quem como nós, lhe falta as aptidões. Mas emfim, visto que a briosa redacção assim o quer assim o tem.

Projecto de lei

Reina entre a classe dos caixeiros de todo o paiz (segundo o que dizem os jornaes da classe) um grande entusiasmo pelo projecto de lei apresentado em côrtes, ha dias, sobre o descanso semanal, por um amigo do sr. João Franco.

Ora, depois de o lermos, e de o estudarmos maduramente, vimos que effectivamente que da fórma como elle está redigido, nada ha mais bello nem mais sublime, mas a sua execução é que nos resta duvida, logo por conseguinte, sobre este ponto de vista, a nós—como vulgarmente se diz—nem nos aquece nem nos arrefece, e isto longe de scepticismo e pessimismo, mas... porque, e simplesmente, desde ha muitos annos estamos ouvindo alguns deputados de *variagadas côres* politicas falando no assumpto, aos governos, e elles não teem feito mais que, promessas banaes, dizendo: «*sim senhores, teem muita razão, havemos tratar do assumpto como elle carece*» e a respeito de factos consumados... nikles! Ora é por estas e outras razões, e estas pantominices que nós descremos completamente, de tudo e de todos, e comnosco, hão-de militar mais outros que como nós teem esta ordem de sentimentos. Eis aqui a minha opinião. No emtanto *Deus permitta* que laboremos em campo errado, mas... mas... em fim, seja o que for, a classe não deve dormir ao som de melodias phantasmogoricas, e vá sempre *me-xendo* como souber e pudér em favor da causa... porque estou como o outro: *atrás de tempos, tempos veem!*

Consta-nos que dois collegas, que faziam parte da antiga commissão executiva, tencionam officiar á camara municipal d'este concelho lembrando-lhe, o que em tempos lhe prometteu representar em seu nome ao parlamento em favor da nossa causa. Veremos o que se fará.

José Antonio de Faria

Encontra-se actualmte em Castello de Vide este nosso presado amigo e collega, que esteve n'esta dois annos.

D'alli segue no dia 8 do proximo novembro para Portalegre, onde vae assentar praça no regimento n.º 22, visto que a sua sorte assim o quiz. O que sinceramente lhe desejamos é que seja feliz, e tenha resignação, e que em breve o vejamos General... de Brigadas!...

E por hoje basta.

Ernello Junior.

Notas trimensaes

«Provincia»

Recebemos a visita d'este bimensuario regenerador liberal, que se publica em Vizeu.

Agradecemos e vamos permular.

Esclarecendo

A administração d'este jornal participa aos nossos assignantes que a cobrança a que ultimamente procedeu se refere á serie de 18 numeros que começou com o n.º 37 e termina com o n.º 55 de *A Fraternidade*.

Ficam por isso avisados os nossos assignantes de que teem pago a sua assignatura até ao n.º 55

Banquete

Festejando a passagem do 2.º anniversario d'esta folha, um grupo de amigos dedicados offereceu aos membros da redacção e administração de *A Fraternidade* um lauto banquete, o qual decorreu na melhor ordem.

Agradecemos, mais uma vez, esta prova de estima.

Antonio de Souza

Visitou-nos este nosso presado amigo, de Coimbra, que ao mesmo tempo foi portador de um abraço para o director d'este jornal, João de Souza, do seu prestimoso amigo José Augusto da Silva Guimarães, illustrado correspondente da *Luz do Commercio* na cidade do Mondego.

Aquelle nosso amigo conseguiu, *pelo numero*, a isenção do serviço militar, pelo que sinceramente o felicitamos.

João de Souza, remetteu, pelo mesmo portador, um abraço mais arrojado ainda, ao seu amigo Guimarães.

ECCOS

Suicidio... por humanidade

Mister Herman Loog, proprietario de uma livraria em Londres, acaba de se suicidar no cemiterio de Croydon, disparando um tiro na cabeça. Foi-lhe encontrada uma carta curiosissima. Explica que, desde ha annos, soffria de uma cruel doença que nenhum medico conseguira diagnosticar devidamente, o que, porém, não obstára a que elle tivesse passado ás engulideiras uma tão numerosa quantidade de remedios e drogas que o seu organismo se tornára uma verdadeira pharmacia ambulante. «Em consequencia d'isto, termina por dizer mister Hermann Loog, fatigado de tal existencia e sentindo-me inutil n'esta vida, resolvi matar-me, e lego o meu corpo ao hospital de Croydon afim de ser submettido a experiencias que determinarão talvez, em proveito da humanidade, a natureza do mal de que eu soffria e o meio de o curar. Assim, serei util depois de morto.»

Os horrores da Siberia

N'este momento ninguem deixará de ler com interesse a historia profundamente dramatica dos tormentos e inclemencias que n'aquella vasta e hórrida região do imperio russo soffrem as victimas do despotismo moscovita.

A par dos condemnados por crimes revoltantes, são agrilhoados e submettidos a um regimen de monstruosa oppressão e de iniqua vindicta os delinquentes de ordem politica. Confundidos na mesma cadeia humana, atravessam as extensissimas estepes cobertas de gelo, erichadas de perigos, debaixo do barbaro flagicio do knut brandido ferozmente pelos cossacos, os faccinoras de toda a casta e os cidadãos cujo crime unico é terem luctado ou serem apenas suspeitos de luctar por um ideal de liberdade e de justiça. E' essa vida de cruciantes amarguras profligadas a tantos milhares de martyres pelo despotismo russo o que se descreve com rigorosa verdade em um esplendido romance soberbamente illustrado, intitulado *Os horrores da Siberia* e que, traduzido por Julio Gama, acaba de ser editado na *Bibliotheca Romantica Illustrada da Gazeta das Aldeias*.

E' um magnifico volume de 464 paginas, com 16 bellas gravuras de pagina, e custa 700 réis. Recebe-o immediatamente na volta do correio e franco de porte, quem remetter essa quantia á Administração da *Gazeta das Aldeias*, rua do Sá da Bandeira, 165, 1.º—Porto.

A Direcção da *Gazeta das Aldeias*, cuja idoneidade é hoje reconhecida em todo o paiz assume a interresponsabilidade da satisfação immediata das encomendas d'este ou de quaesquer outros livros de sua edição, que sejam dirigidas com a respectiva importancia á administração do mesmo jornal. Mas, para isso, é indispensavel que as remessas de dinheiro sejam sempre feitas em vale do correio ou carta registrada.

Universidade feminina

Tokio só possui um unico estabelecimento do ensino superior feminino, que, de resto, é muito recente. E o que o distingue especialmente das instituições similares europeias é que não ha para a entrada das alumnas o limite de idade. Se se recebem meninas de 14 annos tambem ahi se encontram mulheres de trinta a quarenta annos, as quaes o desejo de se instruirem levou aos bancos do collegio. Entre estas ultimas, a maior parte é composta de damas que foram professoras de instrucção primaria em qualquer terra de provincia, sendo algumas d'ellas casadas e mães de familia. O presidente d'essa Universidade feminina é um japonês, mas o corpo docente conta algumas mulheres, uma das quaes é franceza, uma americana e duas inglezas.

Por uma interessante innovação, a Universidade criou este anno, apesar da guerra, uma cadeira de «*Vida domestica*», na qual se ensina ás alumnas, entre outras coisas, a arte de ornamentar os opostosos com flores e papeis recortados, bem como a sciencia de se cosinhar bem e barato.

O Cruz:—Afinal, como soube a idade d'ella?

O Pereira:—Pela cara satisfeita que fez, quando eu lhe disse que a mais bonita idade da mulher era a dos trinta e cinco annos.

“A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ex. mo Lus.